

Ordem das palavras e os advérbios em –mente: experimentos de produção semi-espontânea

Fernanda Lima Jardim¹

¹Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

nandalimajardim@yahoo.com.br

Resumo. *A estrutura entoacional do PB em um subconjunto de advérbios terminados em –mente – do tipo raramente – é o foco deste trabalho, nas diversas posições da sentença em que podem aparecer. Os experimentos conduzidos em trabalhos anteriores são caracterizados pela leitura das sentenças, e mostraram que há tipicamente um movimento do contorno entoacional sobre o advérbio. No presente trabalho, apresentamos uma nova análise da entoação para frases como em (1), feitas a partir de 10 informantes, os quais se manifestaram sobre 13 histórias apresentadas no programa Power Point, das quais em 8 o informante pôde escolher tanto a ordem dos termos quanto a entoação sentencial; já as outras 5 exigiam leitura dos informantes, para que se pudesse fazer a comparação com resultados anteriores. Apesar de o grande número de itens em sentenças como (1) dificultar a produção das elocuições, ainda assim obtivemos diferentes estruturas sintáticas e entoacionais, nosso objetivo maior com este experimento.*

Abstract. *This paper focuses on the question of intonational structure in sentences in which adverbs of the “raramente”-type occupy different positions, as the initial position or between the subject and the verb. Reading experiments previously realized have shown that there is normally a movement of the intonational contour on the adverb. This work presents the results of a new experiment in which ten informants could choose the linear order as well as the intonation of the sentences containing adverbs. Although the tendency of reading experiments is confirmed, new facts will be discussed.*

Palavras-chave: sintaxe; prosódia; advérbios em -mente.

1. Introdução

Os advérbios são uma classe que permite variação na ordem das palavras por excelência, embora isso não signifique que possam ocupar qualquer posição na frase (Costa, 1998 *apud* Nascimento 2007). A liberdade na ordem dos advérbios, no entanto, é mais aparente que real, uma vez que nem todas as posições são igualmente naturais para os falantes. Além disso, parece que as sentenças não são todas sinônimas. Por exemplo, observe as sentenças em (1):

- (1) a. *Raramente* a Maria vai no cinema no domingo

- b. A Maria *raramente* vai no cinema no domingo
- c. A Maria vai *raramente* no cinema no domingo
- d. A Maria vai no cinema *raramente* no domingo
- e. A Maria vai no cinema no domingo *raramente*

Enquanto (1a) e (1b) são afirmações sobre a raridade do evento de a Maria ir no cinema no domingo, (1d) afirma a raridade de o evento se passar no domingo, mas não se diz que o evento em si é raro. Assim, parece que não estamos frente a uma só sentença, mas frente a sentenças distintas.

Esta pesquisa busca justamente examinar diferentes posições de certos advérbios – os terminados em *-mente* – em sentenças do Português Brasileiro (doravante PB), procurando por diferenças além de sintáticas, também semânticas e entoacionais entre as frases analisadas. O objetivo último é conseguir relacionar as diferenças entre si, mostrando que a diferenças semânticas e sintáticas correspondem diferenças entoacionais, por exemplo.

Para atingir esse objetivo, o presente estudo se estrutura da seguinte forma: a seção 2 faz a discussão teórica do aspecto sintático-semântico das diferentes ordens dos advérbios nas sentenças, e também a discussão dos aspectos prosódicos, seja da estrutura acentual do advérbio, seja de aspectos mais gerais da entoação. Na seção 3, discutiremos a metodologia empregada para a obtenção dos dados e a descrição dos experimentos em si. A seção 4 apresenta e discute os resultados obtidos. Na seção 5 estão as conclusões deste estudo, à qual se segue as referências bibliográficas.

2. Discussão teórica

Segundo Costa (1998, *apud* Nascimento 2007), os advérbios são uma classe de palavras que permite variação de sua posição sintática. No entanto, argumenta este autor, não podem ocupar qualquer posição na frase e, por vezes, suas diferentes posições estão ligadas a interpretações diferentes. Por exemplo, advérbios orientados para o sujeito são advérbios altos na sentença, devendo ocorrer em alguma posição dominada pela flexão em português. Caso ocorram em alguma posição mais baixa, por exemplo entre o verbo e o objeto, numa posição dominada pelo verbo, sua interpretação como advérbio orientado para o sujeito estará comprometida, sendo favorecida a interpretação de modo, como vemos em (2) abaixo:

- (2) a. A Mara inteligentemente respondeu às perguntas.
- b. A Mara respondeu inteligentemente às perguntas.

Em (2a) temos um exemplo de leitura orientada para o sujeito (que poderia ser parafraseada como *foi inteligente da parte da Mara responder às perguntas*); no exemplo (2b) temos a leitura de modo (que pode ser parafraseada como *a Mara respondeu de modo inteligente às perguntas*).

No caso dos advérbios que estamos examinando aqui, a interpretação talvez não seja tão diferente como no caso examinado acima. De qualquer modo, a discussão sobre a posição sintática é importante. Figueiredo Silva (1996:51) nos traz um paradigma do qual recortamos a parte relevante para nossa discussão:

- a. *Raramente* o João perde a cabeça.
- b. O João *raramente* perde a cabeça
- c. O João perde *raramente* a cabeça
- d. O João perde a cabeça *raramente*

Segundo Belletti (1990, *apud* Figueiredo Silva 1996:51), a posição de base deste advérbio é a posição exemplificada em (3c), com o advérbio adjunto à esquerda do VP, sendo (3d) a outra possibilidade de adjunção do advérbio, isto é, à direita do VP. Mas o que dizer sobre (3a) e (3b)? Para Belletti (1990, *apud* Figueiredo Silva, 1996:51), em italiano essas posições são derivadas por topicalização do advérbio em (3a) e topicalização adicional do sujeito; em defesa desta hipótese, a autora apresenta os seguintes dados do italiano (exemplos (22) de Figueiredo Silva, 1996:52):

- a. * MARIA spesso Gianni incontra in vacanza
“A MARIA freqüentemente o João encontra nas férias”
- b. * MARIA Gianni spesso incontra in vacanza
“A MARIA o João freqüentemente encontra nas férias”

No entanto, como mostram as traduções de (4), essas frases em PB são gramaticais e assim Figueiredo Silva (1986) conclui que, em particular, a posição do advérbio que se vê em (3b) é uma posição de engendramento possível, dado inclusive que esta é uma posição muito comum para esse tipo de advérbio em PB.

Mas será que todas essas posições são atestadas com a mesma naturalidade em PB? Será que em todas a interpretação do advérbio é a mesma? E será que em todas a entoação da sentença é similar? É para tentar responder a essas questões, especialmente a primeira e a última questão, é que devemos agora abordar o problema da interface sintaxe-prosódia.

A entoação e a prosódia são de suma importância para se compreender a estrutura de uma língua em particular e da linguagem de modo mais amplo, porém é bastante escasso o número de estudos sobre o que seria a “gramática entoacional” do PB. Para se aprofundar na discussão a respeito da entoação do PB, Tenani (2002) se utiliza da abordagem proposta por Ladd (1996), e da abordagem de Nespor & Vogel (1986), para a organização da estrutura fonológica. Ao comparar o Português Brasileiro com o Português Europeu, essa autora considera as características entoacionais como uma das pistas da estrutura prosódica, de forma que a altura – *pitch* – é o principal traço entoacional. A autora frisa, porém, que não está desvalorizando o papel do acento na análise.

Essa visão de entoação está firmada na proposta de Ladd (1996) da Fonologia Entoacional, segundo a qual a entoação tem uma organização fonológica própria: a frequência fundamental (F0) é, pois, uma seqüência de eventos fonológicos discretos, e não um contorno contínuo variável segundo sua forma ou direção. Assim, pode-se definir os dois tipos eventos tonais possíveis: *acentos tonais* ou *pitch accents* (associado à sílaba acentuada ou mais proeminente e independente do contorno entoacional) e *tons de fronteira* (assunto que não será tratado nesta pesquisa). Os acentos tonais são representados por H (alto) e L (baixo), que aparecem como H* ou L* quando acontecem

advérbio, este último um resultado obtido em trabalhos anteriores (cf. Nascimento 2006, 2007) e já esperado nesta nova análise.

É possível que as diferentes posições do advérbio revelem diferentes estruturas informacionais, exibindo foco sobre diferentes constituintes. O foco ou o que é focado numa sentença é informação nova e o que não recebe foco é o dado, ou seja, uma informação já conhecida. Para Cruttenden (1997 *apud* Seara XXXX), o falante usa o foco como recurso para frisar uma parte precisa do enunciado, aquilo a que se quer dar mais atenção. O foco pode ser ainda contrastivo (insere um novo valor para uma mesma variável) ou não-contrastivo (insere um valor para uma variável nova); largo (quando toda a sentença é informação nova) ou estreito (quando apenas um constituinte da sentença é focalizado).

A presente pesquisa tentou a formação de sentenças com foco estreito e contrastivo em todo seu processo. Examinemos alguns exemplos de sentenças-alvo do nosso experimento:

(6) O Lauro vai *normalmente* no clube no domingo

(7) *Raramente* o Mauro vai na lagoa no domingo

Para sentenças como (6), a partir das histórias apresentadas aos informantes, espera-se obter um maior movimento da curva de *pitch* sobre o DP [O Lauro], independentemente da posição do advérbio, uma vez que é ele o foco da resposta, a informação nova da sentença. Já para as sentenças do tipo (7), espera-se um valor mais alto de *pitch* para o advérbio (independentemente de sua posição), que é a informação nova na resposta para a história exibida.

3. Metodologia

3.1. Objetivos

A busca por diferentes estruturas sintáticas e entoacionais é o maior objetivo deste trabalho. Essas diferenças foram possíveis devido à nova possibilidade de produção das elocuições pelos informantes, os quais não lançaram mão apenas da leitura das sentenças, mas também puderam realizá-las de forma semi-espontânea: das 13 histórias apresentadas no *Power Point*, 8 permitiram aos informantes a escolha na posição do advérbio, além do DP sujeito, PP's locativo e temporal, e verbo, logicamente, e as outras 5 mantiveram a forma de leitura nas cinco posições possíveis para este tipo de advérbio – os terminados em *-mente* –, a fim de que se pudesse comparar com experimentos anteriores.

Retomemos o exemplo (1) em que se vêem as cinco posições possíveis para este tipo de advérbio nas frases.

- (1) a. *Raramente* a Maria vai no cinema no domingo
- b. A Maria *raramente* vai no cinema no domingo
- c. A Maria vai *raramente* no cinema no domingo
- d. A Maria vai no cinema *raramente* no domingo
- e. A Maria vai no cinema no domingo *raramente*

A partir das possibilidades exemplificadas acima, o informante pôde escolher e montar como quisesse sua sentença, o que não era possível antes, devido ao caráter exclusivo de leitura que tinham os experimentos anteriores. Talvez o número de itens possa ter prejudicado a entoação frasal, já que por ser bastante grande, favorecia ao informante esquecer-se de algum deles, o que o levou a repetir a frase algumas vezes. Porém, como já foi reforçado, essa apresentação em ordem aleatória dos itens que compõem a sentença permitirá à pesquisa ter acesso a ainda mais propriedades destas construções, tais como a ordem de preferência de encaixe do advérbio na frase e também o local onde o *pitch* é mais alto, quando observada a entoação da mesma.

3.2. Os experimentos

Tentou-se construir as histórias apresentadas no *Power Point* com diferenças de focos, ou melhor, a intenção não era que todas as respostas dadas pelos informantes tivessem como foco sempre o advérbio, mas também o PP locativo ou o DP, por exemplo, com a finalidade de se obterem novos contornos entoacionais para as possíveis respostas.

O *corpus* deste trabalho é composto por 8 sentenças para as quais a ordenação dos itens e a escolha da entoação poderiam se fazer segundo a preferência do falante e outras 5 sentenças, para serem lidas pelo mesmo. Cada informante produziu 13 sentenças, pois, e todas eram declarativas neutras. Foram entrevistados ao todo 10 informantes, todos do sexo feminino, resultando num total de 130 sentenças – sendo 80 semi-espontâneas e 50 lidas.

Os informantes são falantes nativos do PB, que foram instruídos a formarem e lerem as sentenças como respostas às histórias de cada *slide*, da forma mais natural possível. Cada frase foi montada uma a uma, permitindo a variação no contorno entoacional, além das diversas posições na ordem do advérbio, o que acreditamos que tenha permitido variação na curva melódica sem influência das produções anteriores.

A idade do informante não é um fator importante para este presente estudo, porém o sexo influencia na obtenção mais clara na curva de *pitch*, devido ao fato de a voz feminina ter uma maior variação na faixa de frequência, facilitando a análise.

Todas as gravações foram feitas no computador, com microfone e com utilização do *software* PRAAT, que permite a análise da curva de *pitch*, duração, espectrograma e pontos mais altos e mais precisos da curva melódica fornecida pelo programa via um *script* que estiliza a curva original chamado MOMEL.

4. Resultados

Apresentaremos nossos resultados nas próximas subseções, observando os seguintes pontos discutidos na seção 2:

4.1. A escolha do falante pela posição do advérbio nas diferentes situações discursivas

Dentre as 13 sentenças apresentadas aos informantes, 8 delas tinham a disposição de palavras e o contorno entoacional livres, deixando a cada informante a liberdade de escolha pela ordem desejada. Ora, o uso de advérbios com terminação em *-mente* tem, sim, uma preferência de encaixe na frase pelos falantes do PB. É a Posição 2, para este

tipo de advérbio, a mais recorrente. São 42,5% do total, que equivalem a 34 de 80 sentenças produzidas. É um valor bastante significativo ao se comparar com a Posição 1 e com a Posição 3, que possuem praticamente o mesmo percentual de distribuição: 26,25% ou 21 sentenças e 25% ou 20 sentenças, respectivamente.

A tabela abaixo mostra a quantidade de sentenças produzidas com cada posição de advérbio, para cada estória individualmente, com números absolutos totais e respectivos percentuais:

	Advérbio					Total de sentenças
	Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4	Posição 5	
Estória 1	1	6	3			10
Estória 2	6	4				10
Estória 3	2	5	3			10
Estória 4	2	3	3	1	1	10
Estória 5	3	3	4			10
Estória 6	3	5	1	1		10
Estória 7	2	5	3			10
Estória 8	2	3	3	2		10
Total de uso	21	34	20	4	1	80
	26,25%	42,50%	25%	5%	1,25%	= 100%

Tabela 1. Números absolutos e percentuais dos advérbios em cada posição nas 8 estórias.

Note que, surpreendentemente, apenas um informante escolheu a Posição 5 para encaixar o advérbio na frase. Essa não parece a ordem mais usual quando se usa advérbios desse tipo. Já para a Posição 4, houve apenas 4 construções.

4.2. Os contornos de *pitch* nas diferentes posições do advérbio

De acordo com os resultados obtidos, o advérbio parece, definitivamente, levar o acento mais alto do enunciado para sua posição, ou melhor, o maior valor de *pitch* se movimenta conforme o deslocamento do advérbio, independentemente de sua posição. Ainda que o advérbio não seja o foco da sentença, a curva entoacional é maior sobre ele. Para que se entenda melhor o fenômeno, analisaremos duas das possíveis posições para o advérbio.

A seguir, está a Figura 1, que representa o contorno entoacional de *Normalmente o Mauro vai na igreja no domingo*, com seus pontos mais salientes para uma sentença com advérbio na Posição 1. Note que o movimento de *pitch* só existe

sobre o advérbio e que o contorno da sentença é perfeitamente o de uma declarativa neutra, assim como nos revela o trabalho de Tenani (2002).

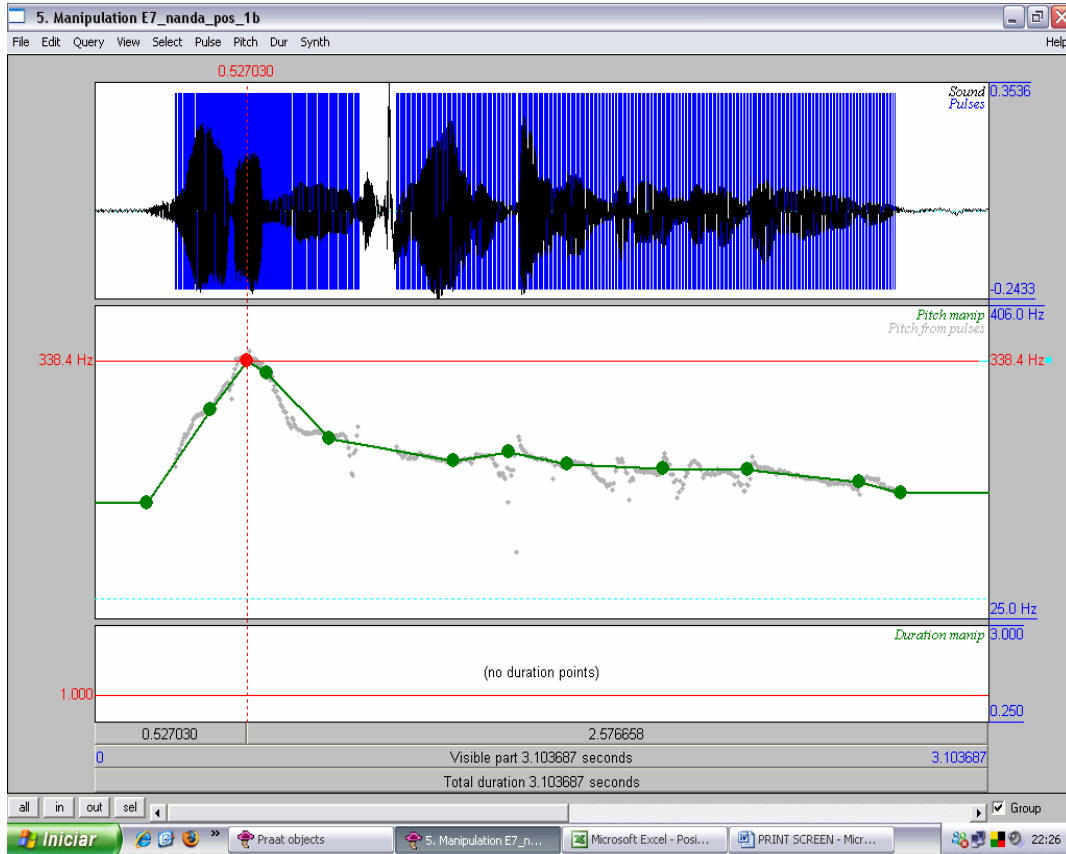


Figura 1. Forma de onda, curva do contorno de *pitch* original e estilização fornecida pelo MOMEL da sentença *Normalmente o Mauro vai na igreja no domingo*.

Ao deslocar o advérbio para a Posição 4, há uma nova curva entoacional, embora o maior valor de *pitch* permaneça sobre o ele. Pode-se constatar esse movimento sobre o advérbio a partir da análise da Figura 2, na qual também o DP sujeito e o verbo recebem significativo contorno, mas o advérbio ainda porta o valor mais elevado quando comparados.

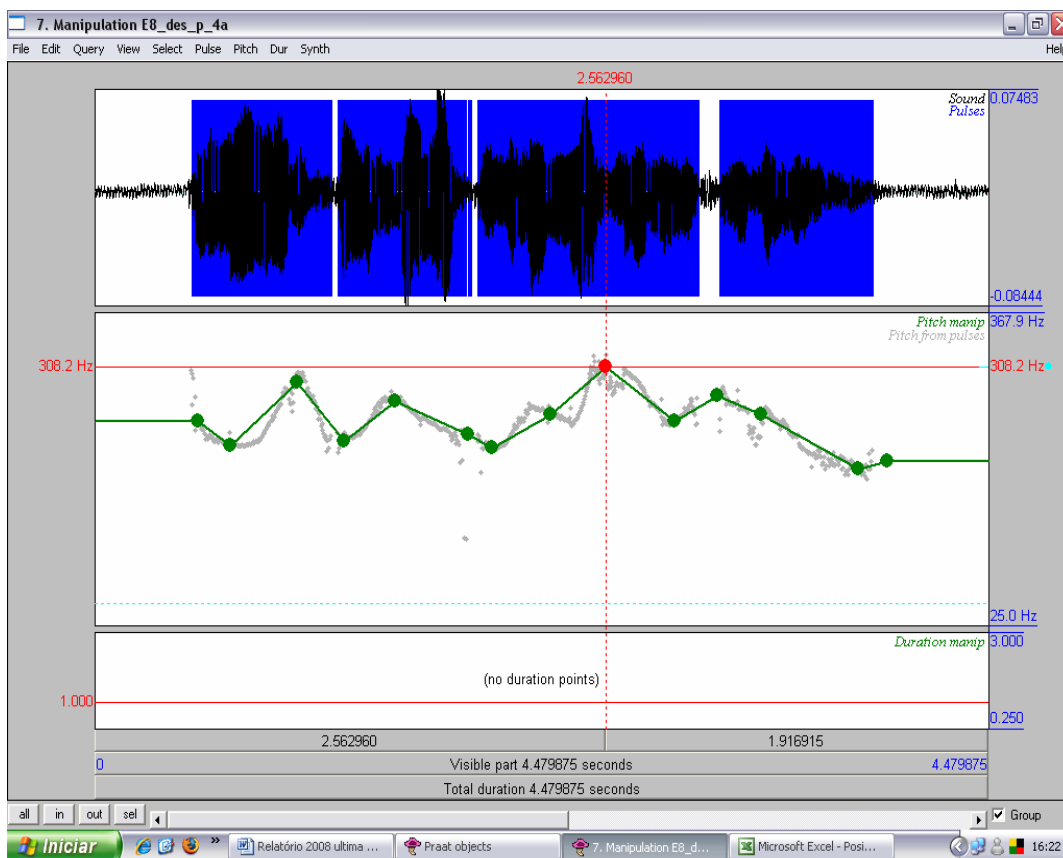


Figura 2. Forma de onda, curva do contorno de *pitch* original e estilização fornecida pelo MOMEL da sentença *O Mauro vem na lagoa normalmente no domingo.*

4.3. Foco e movimento de *pitch*

A informação nova da sentença tende a ser algo em destaque frente a outras informações já conhecidas presentes em outros constituintes, tanto para quem fala quanto para quem ouve. Assim, o falante tende a acentuar aquilo que quer focalizar. Se isso for verdade, o maior movimento de *pitch* será sobre o foco da sentença. Mas será que um implica o outro sempre? Será que o falante está ciente da estrutura focal?

A Estória 4 (normalmente | o Lauro | vai | *no clube* | *no domingo*), pertencente ao *corpus* desta pesquisa, foi elaborada com o intuito de focalizar o DP [O Lauro], independentemente da posição do advérbio e dos demais constituintes. Entretanto, os resultados de nossa pesquisa mostram que nem sempre isso ocorre. A Figura 3 retrata o exemplo da não-coincidência entre foco e *pitch* para a Estória 4:

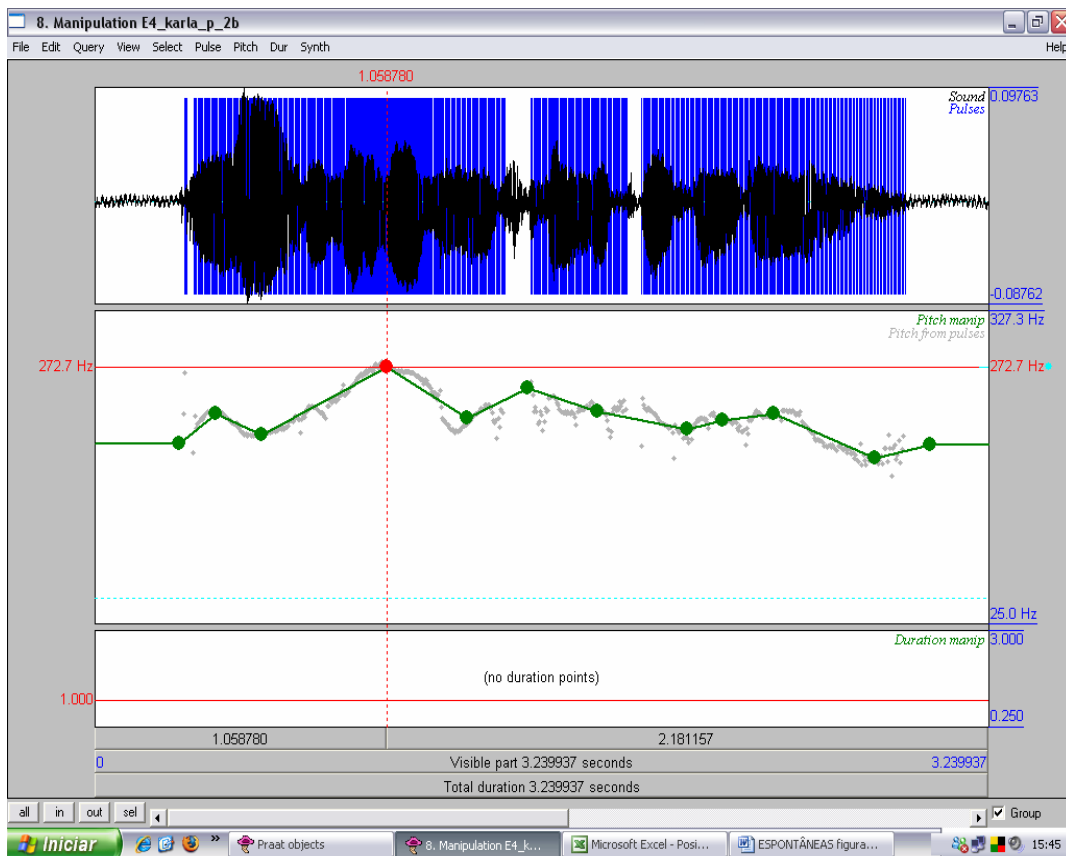


Figura 3. Forma de onda, curva do contorno de *pitch* original e estilização fornecida pelo MOMEL da sentença *O Lauro normalmente vai no clube no domingo.*

O ponto mais alto de *pitch* na Figura 3 está sobre o advérbio, mais precisamente sobre a primeira sílaba *nor-* (ponto marcado em vermelho na figura), ainda que o foco seja o DP; e o segundo ponto mais alto ainda é sobre o advérbio, na pós-tônica *-te*. Mas é aqui que entra a discussão: será que o informante tem conhecimento da estrutura focal ao responder a Estória 4? E as demais estórias? Talvez não, dada a situação estressante do experimento de produção, que coloca o informante na situação de ter que, lendo um *slide*, deve ser capaz de se colocar dentro daquele contexto, mas o seu contexto real comporta um entrevistador (silencioso mas presente), um microfone e uma série de itens lexicais para encaixar numa só frase.

Vejamos outros exemplos:

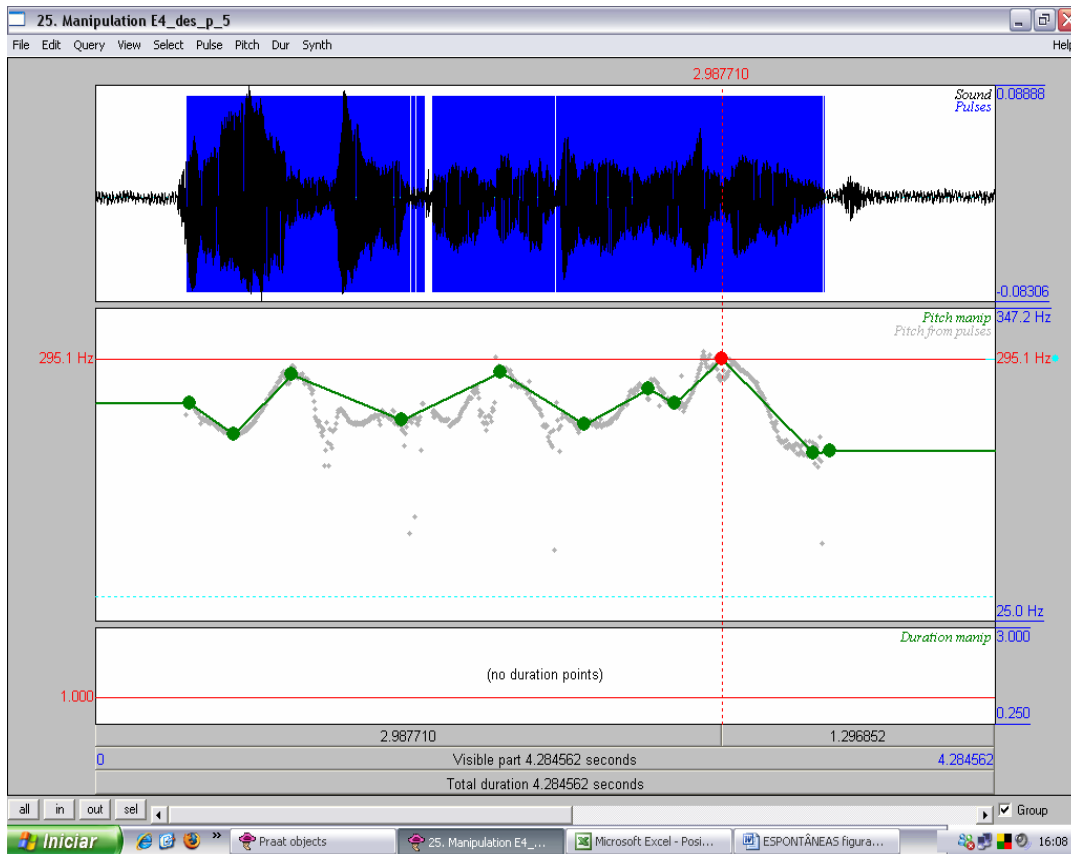


Figura 4. Forma de onda, curva do contorno de *pitch* original e estilização fornecida pelo MOMEL da sentença *O Lauro vai no clube no domingo normalmente*.

Note que, mesmo para uma posição diferente do advérbio, a saber, a Posição 4, a sentença da Figura 4 também registra seu maior valor de *pitch* sobre o advérbio (ponto marcado em vermelho na figura), na primeira sílaba *nor-*. Declarativas neutras tendem a decrescer seu contorno entoacional, mas parece que o advérbio ainda assim consegue influenciar, significativamente, na subida da curva – para este padrão – no final da frase.

Algumas vezes o *pitch* apresenta um valor quase equivalente para DP [O Lauro] e o advérbio, mas ainda assim a curva de *pitch* da sentença mostra seu valor mais alto sobre o advérbio. É o que nos mostra a Figura 5, em que o primeiro ponto mais alto da curva, marcado em verde, é o *pitch* sobre o DP, mais precisamente sobre a pós-tônica – *ro*; e o segundo ponto, sutilmente mais alto que o anterior, em vermelho, é o *pitch* sobre o advérbio em *nor-*. Neste caso, vemos uma preocupação do falante em marcar o foco informacional.

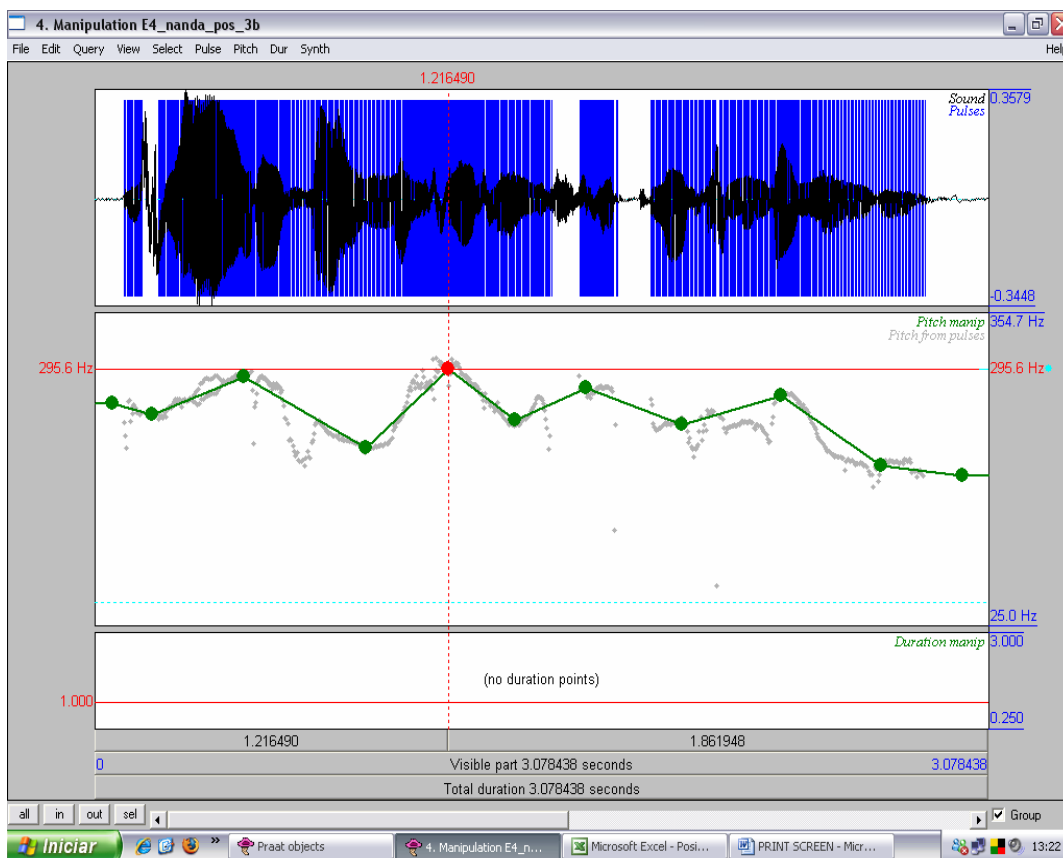


Figura 5. Forma de onda, curva do contorno de *pitch* original e estilização fornecida pelo MOMEL da sentença *O Lauro vai normalmente no clube no domingo.*

A verdade é que nem sempre as elocuições foram construídas como respostas pertinentes às perguntas das estórias apresentadas, pois, ainda que o caráter semi-espontâneo tenha eliminado grande parte da mecanicidade das produções, a preocupação em enunciar todos os elementos da resposta, sem dúvida, causou deficiência no momento da focalização que se daria com naturalidade em determinado elemento. Ademais, não se pode também estabelecer uma relação direta entre proeminência acentual e focalização, uma vez que um nem sempre implicará o outro, como acabamos de ver.

5. Considerações finais

A possibilidade de escolha da ordem de palavras, em que uma delas é um advérbio do tipo em *-mente*, revelou nessa pesquisa que os falantes do PB parecem, de maneira geral, preferir a Posição 2 para encaixe de tais advérbios, uma vez que constituem o padrão presente na grande maioria das elocuições produzidas.

Sabe-se que o foco tende a exibir o maior movimento de *pitch*, para enfatizar a informação nova da sentença; no entanto, não é verdade que um é consequência do outro para frases construídas com advérbios desse subconjunto. Embora o *corpus* tenha sido constituído por sentenças com foco informacional em diferentes categorias das

sentenças – DP, PPs e advérbio – este último é a categoria que, na grande maioria dos casos, recebe o maior valor de *pitch* de todo o contorno entoacional. O advérbio parece “arrastar” junto com ele o movimento mais proeminente de *pitch*, pois.

Talvez, o que pode ter influenciado os resultados obtidos é a não percepção por parte do informante dos contextos de foco presentes nas sentenças produzidas por ele – pelos vários motivos que já enumeramos anteriormente –, bem como o fato de as elocuições não serem totalmente espontâneas, já que o falante, em condições completamente espontâneas, é capaz de efetuar os movimentos de *pitch* que sejam pertinentes às estórias, mas essas elocuições não necessariamente estão presentes em situações normais de fala.

Aproximar nossos experimentos da fala natural é um objetivo não tão simples de se atingir, mas este fato não pode nos desencorajar, dadas as possibilidades de se criar situações em que o informante não se sinta analisado e observado diretamente. Experimentos de percepção são bons para dar indícios do que o falante considera como uma melodia natural para as sentenças sem colocá-lo no dever de fazê-las. E de qualquer modo, sempre é importante obter resultados como os nossos, pois, ainda que haja diferenças entre o que se tem e o que se pode obter em estudos futuros, será de grande valia poder compará-los um dia.

Referências

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, 37 ed.

DIAS PEREIRA, Ana Luiza; SEARA, Izabel Christine. *Proeminência rítmica e focalização no português brasileiro* (2002)

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro*. São Paulo: Unicamp, 1996.

HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: principles and case studies*. The University of Chicago: Ltd. London, 1997.

LADD, D. Robert. *Intonation Phonology*. Cambridge University Press: Cambridge, 1996.

MAKINO, Marta Setsu. & MEDEIROS, Beatriz Raposo de. *Padrões de pitch de palavras em sentenças com foco em português brasileiro* (2001)

NASCIMENTO, Mateus Mariot do. *Ordem das palavras: advérbios terminados em –mente e a interface sintaxe/prosódia*. Relatório final PIBIC (2006)

NASCIMENTO, Mateus Mariot do. *Ordem das palavras: advérbios terminados em –mente e a interface sintaxe/prosódia*. Relatório final PIBIC (2007)

TENANI, Luciani Ester. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para prosódia e para aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado, Campinas: Unicamp, 2002.